

A ARTE

MUSICAL

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Praça dos Restauradores, 43 a 49
LISBOA

ARTHUR GOTTSCHALK

ENGENHEIRO

Rua de S. Paulo, 103, 1.º

Telephone, 821

Instalações electricas
DYNAMOS ❁ **MOTORES**
ORÇAMENTOS GRATIS

A. D'ABREU

Joalheria e Ourivesaria

SEMPRE NOVIDADES

57 - Rua do Ouro - 59

LISBOA

Grillo & Sá

DEPOSITO PHOTOGRAPHICO

Rua Nova do Almada

Variadissimo sortimento de **Machinas photographicas**, objectivas, chapas, peli-culas, papeis sensibilizados, accessorios e pro-ductos chimicos das melhores marcas.—**U-timos modelos de machinas da Casa Kodak**.—Grande variedade de photographias para photominiatura.

Empreza

Mobilisadora

Miguel Ferreira

FORNECE a prompto, a prestações e por aluguer tudo quanto é preciso para guarnecer uma modesta habitação ou o mais luxuoso palacio.

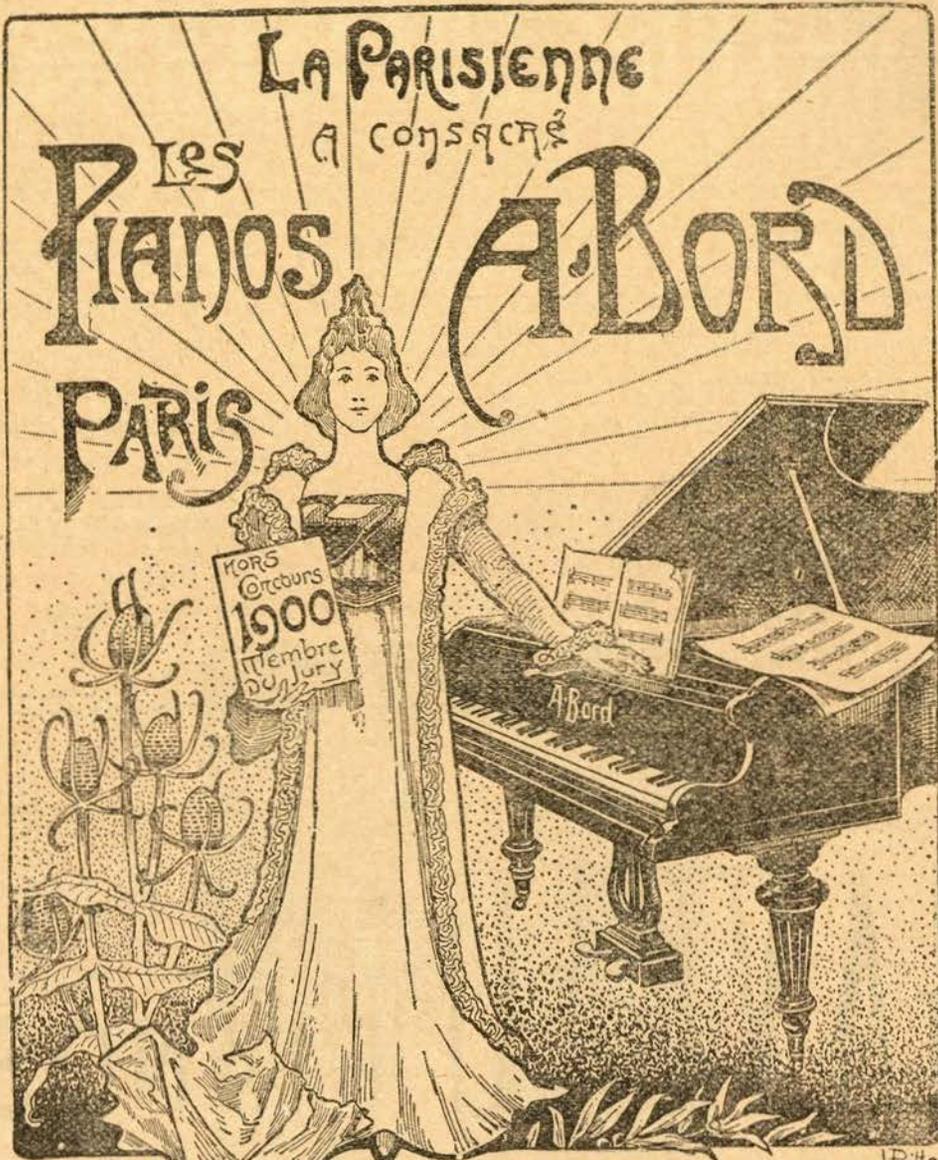
Preços e prestações resumidos

256, 258

RUA DA PALMA

260 e 260 A

Lisboa



14 bis BOUL' POISSONNIERE

Commendador da ordem de Christo (1894)

Fabricação annual.....	3:000
Produção até hoje	120:000

Exposição Universal de Paris (1900)

Membro do Jury—Hors concours

* **A. HARTRODT** *

Agencia de Transportes Internacionaes

Despachos e Seguros Maritimos

CASAS PRINCIPAES : HAMBURGO e LONDRES

Succursaes : ANVERS (Antuerpia), BREMEN, LIVERPOOL, GENOVA, GOTHENBURGO, LEIPZIG e LUBECK

Recommenda aos importadores portuguezes os seus serviços d'expedições em grupagem, para Lisboa, Porto, Madeira, Ilhas e Colonias portuguezas, de qualquer dos portos acima.—Todas as informações relativas a serviços de transportes, despachos e seguros, seja para importação ou para exportação de mercadorias, são promptamente fornecidas a quem as sollicitar ao seu agente em Portugal:

JOSÉ ANTONIO MARTINS

Rua do Crucifixo, 8, 2.º — LISBOA

GAVEAU Grande Fabrica
DE
PIANOS

SÉDE SOCIAL: 45 e 47, Rua La Boetie - PARIS

OFFICINA MODELO: Fontenay-sur-Bois (Seine)

Hors Concours: Barcelona (1888)—Moscow (1891)—Chicago (1893)—Amsterdam (1895)—Paris (1900).

Diplomas d'Honra: Amsterdam (1883)—Antuerpia (1885)—Bruxellas (1888)

Grand Prix: Hanoi (1892)—Liège (1905).

Na Casa Lambertini encontra-se sempre um variado sortimento de
x x pianos d'esta reputada fabrica x x



Edição e administração: PRAÇA DOS RESTAURADORES, 43 a 49 — Comp. e impresso na Typ. PINHEIRO, Rua Jardim do Regedor, 39 e 41

SUMMARIO: — Arthur Coquard.—Curiosidades musicas.—Notação omusical.—Os musicos nacionaes e a arte musical.—Noticiario.

Arthur Coquard

Eis as notas que pudemos colher sobre a vida d'este artista, cuja perda a moderna França musical deplora com justa razão.

Nasceu em Paris em 1846. Concluiu o seu curso de direito e trabalhou a musica com Cesar Franck.

Escreveu muita musica de concerto: o *Chant des Epées*, que foi a sua estreia de compositor e que a Orchestra Colonne executou em 1876; varias scenas lyricas ou dramaticas, *Cassandra*, *Hero et Leandre*, *Andromaque*, *Colombo*, *Ossian*; coros para a *Esther* de Racine; a musica de scena para o *Philoctète*; uma trilogia sacra, *Jeanne d'Arc*; uma *suite norvégienne* e um grande numero de melodias, cujo ultimo cyclo está obtendo actualmente o mais legitimo exito.

Ao theatro lyrico deu tambem algumas composições de valor: *L'épée du Roi* (1884), *Le mari d'un jour* (1886), *La Jacquerie* (começada por Lalo), *Jahel* (1900), *La troupe Jolicœur* (1902). Entre as operas ainda não

representadas, conta-se *Isdroning*, que será ouvida no proximo inverno na Opéra Comique.

A sua obra litteraria tambem merece referencia; além de notaveis criticas no *Monde* e no *Echo de Paris*, publicou um estudo sobre o seu mestre Cesar Franck, e em volume um substancioso trabalho sobre *La Musique en France depuis Rameau*.

Quer como escriptor, quer como musico, Arthur Coquard era muito apreciado em Paris, onde a sua falta é muito sentida. Caloroso partidario de Wagner, seguiu muito de perto a moderna evolução musical, tanto em França como no estrangeiro, sem comtudo se deixar influenciar por tendencias ultramodernas e antes procurando, como condições primarias da boa arte, a clareza, a justa expressão e o *charme* melódico.

Espirito progressivo, mas equilibrado, comprehendeu, como poucos, que a arte

d'hoje tem de fatalmente occupar um justo meio termo, entre a pobreza harmonica do passado e o impressionismo, cahotico, inquietante, dos que pretendem ter descoberto a musica do futuro.



Curiosidades musicaes

(Continuado do n.º 287)

LXVIII

Fr. Alexandre da Paixão

Ao frade beneditino, Fr. Alexandre da Paixão, se attribue o livro intitulado *Mons-truosidades do tempo e da fortuna*, que se conservou inedito durante dois seculos, até ser dado á estampa por Graça Barreto, em 1888. Existiam muitas copias, não se sabendo da existencia do autographo. A biographia do supposto auctor era tambem obscura, conhecendo-se apenas os breves traços que d'ella nos transmittiu Diogo Barbosa Machado na sua *Bibliotheca Lusitana*.

Ultimamente, porém, levantou-se um tanto a ponta do véu, graças á revelação que o sr. Domingos Leite de Castro fez na *Revista de Guimarães* (vol. XXVI, fasciculo correspondente a Janeiro e Abril de 1909) n'um artigo intitulado *Tres annos da vida de fr. Alexandre da Paixão*.

Possuindo aquelle senhor o *Livro dos obitos* do convento de Bustello, encontrou nas suas ultimas paginas uma *Relação dos Abades que tem este convento depois da reformação* e n'ella se lê a seguinte curiosissima passagem :

«17. Em o dezembro de 1680 foi eleito em junta o M. R. padre pregador Geral Fr. Alexandre da Paixão, natural da villa de Amarante, monge muito zeloso do chõro e perfeição dos divinos officios, *excellente musico* e pregador; em seu tempo concertou os livros de solfa, poz dois castiçaes de prata, uma alcatifa e outras pessas na sancrystia e fez o fermoso Cruzeiro e terreiro da portaria que basta para o eternisar na memoria de todos por bemfeitor d'esta casa. Fez mais o orgão.

A phrase final póde interpretar-se de dois modos, querendo talvez significar que elle mandasse fabricar o orgão e não fosse o proprio auctor. Muito seria para estimar que se effectuasse alguma investigação n'este sentido, procurando saber se ainda existe aquelle instrumento e se apresenta alguma inscripção elucidativa. O que digo a respeito do orgão do Bustello poder-se-hia applicar aos demais existentes no paiz, cujo inventario e descripção seriam do mais elevado alcance.

Do cruzeiro saiu uma noticia na segund^a serie ou fasciculo dos meus estudos sobre *Cruzeiros*. No *Minho Pittoresco* vem uma breve referencia ao convento e igreja de Bustello, hoje igreja matriz.

LXIX

Um musico portuense — João Moreira da Costa Lima

Em 1806 viera para Lisboa um industrial de reconhecida aptidão, chamado João Baptista Férin, que nascera na Belgica, em Poponel, sendo seu pae Aimable Férin, fabricante de carruagens em Bruxellas. Na nossa capital fundou elle um estabelecimento de aluguer de trens e mais tarde uma fabrica de carruagens, cuja especialidade era a dos *cabriolets*. Por este motivo, alcançou uma provisão de 22 de fevereiro de 1828, assignada pela infanta D. Isabel Maria. Contra esta concessão protestaram os fabricantes de carruagens arregimentados, vindo em sua defeza o concessionario, que demonstrou quanto era vantajosa a sua industria. N'esta exposição declara elle que ha 22 annos residia em Lisboa, que era casado, e que do seu matrimonio, resultaram 9 filhos. A sua officina era na rua da Santissima Trindade, a Buenos Ayres.

A mulher chamava-se Catharina Masson, de Bemberviller, na Loraine, e todos os nove filhos d'este consorcio, seis do sexo feminino e tres do masculino, sobreviveram a seus paes, chegando alguns a alcançar a longevidade. O ultimo que resta é á sr.^a D. Justina, solteira, moradora na estrada de Palhavã. Um dos filhos chamava-se Augusto Férin e foi o fundador da livraria do seu appellido, na rua Nova do Almada, em Lisboa.

O sr. Jordão de Freitas publicou no *Diario de Noticias* de 17 d'agosto de 1909 uma carta, em que relaciona os descendentes de João Baptista Férin e de sua mulher Catharina Masson, designando a idade e resumidamente o seu destino. Creio, porém, segundo declarou particularmente o auctor da carta, que alguma cousa se tem de corrigir n'estes seus apontamentos. N'ella se mencionam: D. Anna, viuva de Antonio Moreira da Costa Lima, a qual falleceu com 88 annos, a 23 de julho de 1904 e D. Emilia, que, enviuvando de João Moreira da Costa Lima, falleceu a 2 d'agosto de 1901, com 81 annos. Ambas estas senhoras foram, não sei em virtude de que circumstancias, para o Porto, onde fundaram um importante estabelecimento de modas.

João Moreira da Costa Lima, casado com D. Emilia, foi um musicista distincto, posto que modesto. Conheci-o, na minha mocidade, em casa de um nosso commum amigo, de quem era companheiro quasi inseparavel, o qual me forneceu as indicações biographicas que passo a transcrever :

«Começou a sua carreira por ser guardalivros da Companhia Fiação Portuense.

Occupando esse logar, consorciou-se com Emilia Férin, uma das societarias do estabelecimento de modas mais em evidencia n'essa epoca, conhecido em todo o Porto pela Casa Férin.

Poucos annos após o consorcio montou na Praça Nova um estabelecimento de pianos e de musicas, sendo o que mais coopeou para a introdução em Portugal dos pianos de Gaveau, de Paris, cuja fabrica representava.

Escreveu algumas composições sacras e numerosas musicas de dansa. Entre ellas registraremos : *Uma flor* ; *Julia* ; *Laura* ; *Sibylla* ; *A voluvel* ; *Vision* ; etc.

Compoz para orgão e banda o *Hymno de Flora*, que em 1877 fôra executado na grande nave do Palacio de Crystal do Porto, no mez de junho, por occasião da inauguração da primeira Exposição d'Horticultura Internacional que se realisára no nosso paiz.

No orgão do Palacio de Crystal do Porto era frequente fazer-se ouvir, arrancando d'aquelle magnifico instrumento sons d'uma belleza encantadora e que raros organistas ainda hoje lhe sabem descobrir.

Por intervenção de Moreira da Costa vieram orgãos para Portugal fabricados pela casa inglexa de Peter Conacher, de Hundersfield, para os seguintes templos : Ordem Terceira do Carmo, Cedofeita, e Vallongo.

Era filho de Caetano Moreira da Costa Lima e de D. Jeronima Rosa de Lima. Nasceu no Porto a 11 de julho de 1841 e falleceu na mesma cidade a 9 de janeiro de 1888.

Os seus restos mortaes jazem no Cemiterio do Prado do Repouso no mausoleo n.º 464 da secção 12.

Não deixou descendentes.

Eis agora uma nota das composições sacras de Costa Lima, com que teve a amabilidade de me obsequiar um seu amigo e discipulo, que com elle aprendeu a tocar orgão :

Missa em fá — Kyrie e Gloria, a tres vozes, com acompanhamento de orgão. (Esta composição foi offerecida pelo auctor, á

Meza da Ordem Terceira do Carmo, do Porto, tendo sido cantada pelos alumnos do Orpheon d'aquelle Ordem, acompanhando ao orgão, o auctor).

Benedicta es — Gradual de Nossa Senhora da Conceição — em la bemol — solo e côro a quatro vozes, com acompanhamento de orchestra, piano e orgão.

Ave-Maria — em fá — grande côro unisono, com piano e orgão.

Tantum ergo e Genitori — em dó menor — côro unisono, acompanhamento de orgão.

Tantum ergo — em sól menor — para vozes infantis, acompanhamento de orgão.

O Salutaris Hostia, — em fá menor — com acompanhamento de orgão.

Jesus, natus est — cantico do natal, solo e côro, com acompanhamento de orgão — letra do fallecido abbade Carneiro de Mello.

Cantico da Manhã — solo e côro, com acompanhamento de piano, letra de A. F. de Castilho.

Estas composições foram todas cantadas pelos alumnos de ambos os sexos, do orpheon da Ordem Terceira do Carmo, nas diversas festividades realisadas na igreja da mesma ordem.

No *Jornal de Horticultura Practica*, a pag. 163, do volume relativo ao anno de 1877, vem uma entusiastica apreciação do *Hymno de Flora*, devida á penna de José Duarte d'Oliveira.

Antonio Moreira da Costa Lima, irmão de João, foi tambem um considerado professor de piano. Um terceiro irmão, Caetano Moreira da Costa Lima, dedicou-se á pintura, sendo artista de merecimento.

Sousa Viterbo.



A proposito da noticia ultimamente publicada acerca da nova notação, imaginada por Ferruccio Busoni, recebemos do illustre professor pianista Carlos A. Tavares d'An-

drade, a seguinte carta, que muito agradecemos.

Meu amigo e sr. Lambertini

Alcobaça, 12-9-910.

O motivo d'esta carta é uma referencia que li na sua interessante revista ácerca de uma nova notação musical de Busoni.

Caiu-me o coração aos pés, como é costume dizer-se, com tal noticia, pois que ella significa simplesmente para mim uma desillusão cruel; a do inventor a quem roubam o seu invento, o que não se dá precisamente mas que não deixa por isso de produzir em mim essa desoladora impressão.

E' que eu já ha muito alimento a esperança de crear uma nova notação musical, que tem exactamente a mesma base que a que vem noticiada na sua revista.

Resta-me, porém, a consolação de que os dois systemas não tem de commum senão a fórma de pautar o papel e por isso animo-me a communicar-lhe o meu systema para que V., registando-o nas columnas do seu jornal, se d'isso o julgar digno, me evite de futuro novas desillusões como a que agora soffri.

Eis, em poucas palavras, o meu systema.

Em papel pautado com linhas horisontaes finas, dispostas em grupos de 3 e 2, alternadamente distanciados os grupos de 3 millimetros e as linhas de cada grupo de 2 millimetros, serão representados os diferentes 12 sons fundamentaes da musica por meio de traços de comprimento proporcional á duração do som respectivo e de grossura approximada de 1 millimetro, sufficiente para a visão distincta. Assim o comprimento do traço indica immediatamente a duração do som, o logar que elle occupa relativamente aos grupos de 3 e 2 linhas (tantos quantos forem necessarios para a extensão do instrumento) determina immediatamente a sua altura, que se avaliará da mesma fórma que no piano; os traços escriptos sobre as linhas correspondem ás teclas pretas, os escriptos sobre os intervallos correspondem ás brancas. Assim muito simplesmente se nota a altura e a duração do som; a intensidade será notada á maneira usual. Linhas verticaes traçadas no papel a distancias eguaes facilitarão a medida á vista do comprimento do traço, o que desde logo indica a duração do som.

Assim se dispensam muito simplesmente os accidentes, pausas, picados, ligados, as differentes figuras e toda essa complicação enorme de signaes que abundam na notação usual.

Estou desenhando por este systema os

primeiros compassos da *Pathética* que lhe enviarei apenas terminados; por elles avaliará, comparando, a facilidade da leitura e a enorme simplificação obtida por este systema de notação.

Mais tarde, se o julgar opportuno, farei uma exposição detalhada do systema, analysando-o em todos os casos a que elle tem de applicar-se, e demonstrarei as suas vantagens. Agora apenas lhe peço me desculpe pelo espaço que lhe roubo, se quizer dar-me a honra de inserir estas considerações na sua revista e esperando a sua opinião autorisada e imparcial subscrevo me com a maxima consideração e estima.

De V.

Am.º Mt.º Att.º V. e Mt.º Obg.º

CARLOS ANDRAD^o.



OS MUSICOS NACIONAES E A ARTE NACIONAL

II

Expozemos a questão na sua maxima e mais alta generalidade, tanto quanto em nós cabia.

Passêmos ás soluções praticas, isto é, ás que podem concorrer para o allivio immediato da classe musical ou para a preparação d'um estado melhor. O annuncio, vulgarizado pelos jornaes, de que os musicos portuguezes se estão organisando para constituir uma *orchestra symphonica*, alenta-nos n'esta campanha, não só porque é uma das soluções que tinhamos em mente recomendar, mas tambem porque demonstra a união e a actividade dos musicos de Lisboa.

Vamos por ordem.

Dissemos que só tres coisas faltavam para completo aproveitamento das altas qualidades e da perfeita utilisção d'esta classe prestimosa:

- 1.º benevolencia e patriotismo das empresas;
- 2.º solidariedade da classe musical para que não recue na defeza dos seus direitos;
- 3.º intervenção legal para que cesse o arbitrio das empresas e se dê a preferencia aos artistas nacionaes.

A benevolencia das empresas tem o limite natural do temperamento e da edu-

cação de cada empresario e a barreira necessária do interesse comprometido. O temperamento e a educação dos empresarios não se podem sujeitar a um critério unico; nem por isso desaparece o direito de appellarmos á Bondade, porque sem ella desceremos ao nivel de feras e comprometeremos o Progreso perturbando a Ordem.

A força do Capital não é infinita: suspende-se onde começa a Lei, pára onde afflora a injustiça, cae no abysmo do odio mal reagem as suas victimas. Mata-se com o dinheiro tanto ou mais do que pelo punhal ou pelo veneno. A Justiça, que nunca dorme, tarde ou cedo pune o abuso lançando o remorso na consciencia do ambicioso, erguendo o latego da penalidade sobre os syndicatos, como na America, ou derrubando pelo fogo e pela dynamite os edificios dos capitalistas, como na França e na Russia.

E' da Historia.

A força da Bondade é pelo contrario infinita: amansa como a lyra d'Orpheu as mais bravias feras; ergue altares em peitos agradecidos, fazendo surgir a myrrha onde outrora florescia o odio; mata o escalracho do desespero e semeia a larga messe da esperanza; torna um homem immortal, dando-lhe ingresso na Historia pela porta da beneficencia.

O patriotismo, que teve por cimento o sangue de tantissimos heroes obscuros, arancou da inercia povos inteiros mal vibraram no espaço as lyras de Tyrteu, Virgilio, Dante, Camões, Rouget de Lisle, Koerner, Manzoni, Victor Hugo; e está hoje mostrando pelo nobilissimo exemplo de Carnegie e dos seus imitadores como é que se transforma um povo pela justa distribuição do Capital no fomento das sciencias, das letras e das artes.

Sabem-no decerto os nossos empresarios e bem lhes irá, ou melhor lhes irá — porque todos estão ricos — se não se esquecerem de seguir tal modelo.

Mas os interesses? E os riscos das emprezas, e a diminuição dos lucros, se me objectará, descendo terra a terra aos trinta por cento dos ganhos habituaes?...

Poderíamos objectar, mas não queremos, que muito boa gente vive ganhando simplesmente seis por cento, e até dois por cento, como na Inglaterra e na Allemanha. Diremos porém que ha muitissima gente, e da melhor — embora se não vista no Amieiro nem calce no Coimbra — que nem sequer accumula esses dois por cento, porque mal ganha para o pão de cada dia...

E' para estes que nós queremos e recla-

mamos a limitação do interesse pela comprehensão da justiça e pelo emprego da bondade. Todos temos direito á vida!

Mas os empresarios chamaram os artistas portuguezes aos contractos para o anno proximo, dir-nos-hão... E os artistas recusaram

E' verdade. Ambos no seu direito e cada qual julgando se no seu.

Mal qual é aqui, no caso vertente, o Direito real? Das emprezas ou dos artistas?

Dizem uns que dos empresarios, affirmam outros que dos artistas. E ninguem pensa no verdadeiro prejudicado que é o publico: o publico que sustenta e enriquece os empresarios, o publico que é quem realmente paga aos artistas, o publico para quem *exclusivamente* se fizeram os theatros, porque o povo é quem inventou e quem realmente precisa da Arte.

O publico ha de pois ser o unico juiz da contenda, porque é por si, pela sua obra de 200 seculos de civilização, o juiz unico em tudo quanto seja Arte.

Os empresarios não tem este glorioso direito, porque não deixaram os seus nervos nem o seu sangue n'esta obra immortal. Ficaram de fora explorando o filão... a sangue frio.

O publico em cada paiz é nacional; tem que sel-o pelo leite que mama, pela canção popular que balucia menino, pelos hymnos que já homem canta. E o publico, trancez na França, inglez na Inglaterra, irlandez na Irlanda, etc., ha-de ser forçosamente portuguez em Portugal. Senão está morto!

Que muito é pois que reclame artistas portuguezes em theatros portuguezes?

Elle é que ha de ser o juiz do pleito; elle é que ha de intervir, limitando os interesses, defendendo os pequeninos e premiando os grandes na justa proporção do seu desinteresse e do seu sacrificio pela Arte. Não da arte d'elles, empresarios, nem d'elles só, artistas, mas da Arte sua, d'elle povo, d'elle gloriosa parcella historica da Humanidade immortal.

Hemos de pôr o nosso braço e o nosso sangue n'este proposito, certos como estamos de que o patriotismo é flôr que se não mirrou em peitos de portuguezes, sejam elles empresarios ou artistas. Havemos de chegar a uma conciliação pacifica e honrosa para todos.

Emquanto porém não restituimos os musicos aos seus theatros, tratemos do que lhes importa fazer independentemente da acção do Estado e dos empresarios. Antes de tudo lhes pediremos que nos forneçam todos os elementos precisos para nosso completo dominio da questão.

Depois lhes rogaremos que nunca percam de vista a **solidariedade da sua classe**, porque sem ella nada farão solido e fecundo. Os novos sabem já, por dolorosa experiencia propria, a que ponto chegaram por andarem divididos, cada um por sua panelinha, quartetto, quintetto, ou sextetto. Os velhos lembram-se com certeza dos males que correram, por causa da separação — chamemos-lhe assim — de Rio de Carvalho da Associação 24 de junho, em que brilhou a fina flôr dos nossos musicos sob o prestigio do talento solido e da virtude santa d'Augusto Neuparth.

Tanto basta para que nos convençamos de que a Associação recentemente formada representa um esforço dedicado em prol de uma causa alta e não uma obra de habéis ambiciosos, que alli vão explorar as precissões ou a ingenuidade dos outros em seu proveito.

A Associação, porém, não quer, decerto por mais forte que se sinta ou julgue, invadir a alçada do Direito, prejudicando os alheios direitos ou saltando por sobre a liberdade dos outros. A sua maxima energia só pôde resultar da sua maxima elevação, e a esta só attingirá com propositos altos, com ideaes elevados e com provas publicas d'uma competencia real.

Está provada esta competencia? Não se lembram os artistas de que uns aos outros se accusam, e os empregarios tambem, de não termos bons primeiros violinos, bons primeiros violoncellos, bons contra-baixos, boas violas, boas trompas etc. e que apenas possuímos um bom flauta, um bom clarinete, um bom fagote, um bom oboé e um bom cornetim?

Não reflectem em que esta falta das primeiras partes — de que são culpados os nossos pessimos governos, que se não importam com o Conservatorio — recae sobre a classe inteira, auctorizando as empresas a dizer que não temos musicos, pela obrigação forçada d'importar estrangeiros?

Não pensam em que o primeiro problema é sempre, e em tudo, o *educativo*, sem o qual ainda hoje estariamos nivelados a brutas feras? Não cogitam que todos os esforços desviados d'este fim — directa ou indirectamente — serão fatalmente improductivos?

Não reparam em que, mal se annunciam orchestras estrangeiras, logo se preenchem as assignaturas no theatro D. Amelia, por mais altas que sejam os preços e por mais adiantada que decorra a estação?

Objectarão que a Moda e o Snobismo entram muito n'este enthusiasmo, habilmente servidos pelo empregario superior que se

chama Visconde de S. Luiz de Braga? Mas o Snobismo e a Moda *concorrem* para este culto artistico: não o determinam, não o geram, nem sequer o guiam.

Quem opéra o milagre é a Arte, é a Musica: é a orchestra bem educada dos Colonne, dos Nikisch, dos Strauss; é a phalange disciplinada dos bons musicos, entusiasmados no estudo das altas formas musicas e por isso capazes de sentil-as, prontos em comprehendel-as e habilitados a executal-as e a transmittil-as.

Prepare-se a nossa orchestra, a *orchestra de Lisboa*, essa phalange que falta, constituindo a vergonha da capital do reino, visto que é Lisboa a unica da Europa sem musica symphonica. Eleve-se á altura das outras e ganhará como ellas.

Póde fazel-o a Associação dos musicos? Póde-o e hade-o, visto que nos ultimos concertos de Lambertini provou ter os elementos para isso, com applauso geral.

O que se fez ha 25 annos com Barbieri e ha um anno com Lambertini, tem que se repetir agora, não só para honra e gloria da classe musical, mas tambem e muito especialmente para alicerce da sua nova existencia, para prova real do seu valor, para justificação inilludivel do seu direito e das suas reclamações.

Eis porque folgámos com a noticia da constituição da classe em *orchestra symphonica*; eis porque damos o nosso applauso incondicional a este esforço colectivo, porque só elle pôde quebrar os dentes á calumnia e só elle pôde afirmar ao povo portuguez quão fundadas são as reclamações dos musicos pela sua exclusão dos theatros nacionaes.

Ha mais de 30 annos, que o vimos clamando desinteressadamente desde a *Folha do Povo* e o *Jornal do Commercio* até quantos jornaes e revistas de musica se tem publicado em Portugal. Temos pois auctoridade para discutir o caso, ainda quando nos faltassem competencia e patriotismo.

(Continúa).

CARLOS DE MELLO.



Referimo-nos o anno passado a um official de entalhador, o sr. João Cyrillo de Seixas, que apresentára um minusculo har-

monium automatico, do systema Limonard, por elle fabricado com a paciencia e engenho que se pôde calcular.

Construiu agora o mesmo paciente operario um outro instrumento do mesmo genero, mas do systema Gavioli, isto é, para funcionar com cartões perfurados.

Eis ahi uma notavel aptidão mecanica, que bem podia ser aproveitada para qualquer industria mais lucrativa ou de mais elevadas vistas artisticas. Mas infelizmente esses obscuros, na nossa terra, tem de viver sempre desajudados.

*

Já estava publicado o numero anterior, quando soubemos que o illustre professor portuense, Moreira de Sá, recolhera ao hospital do Carmo, afim de submeter-se a uma melindrosa operação. Hoje podemos annunciar, e fazemol-o com viva alegria, que a operação decorreu o melhor possivel e que o notavel artista se encontra já de todo restabelecido.

*

Foi promovido a mestre da capella da Sé, logar vago pelo fallecimento de Augusto José de Carvalho, o distincto professor, sr. Pedro Fernando Pereira.

*

Em missão de estudo medico partiu para Hespanha, França e Belgica, o illustre clinico e nosso talentoso collaborador, sr. dr. Esteves Lisboa.

Acompanhou-o sua Ex^{ma} Esposa.

*

Consta que o *Orpheon Portuense* está em tratativas com os quartetos *Chaumont* e *Lejeune* para os seus concertos da proxima epoca. Boa noticia é essa para os amadores do Porto, que, se se chegar a um accordo, poderão apreciar dois dos mais interessantes grupos, que se tem ultimamente salientado em Bruxellas e Paris

Tambem se falla na escriptura do pianista compositor Louis Delune, professor do Conservatorio de Bruxellas, e de sua mulher, uma distincta violoncellista, primeiro premio do mesmo Conservatorio.

*

O sr. João Baptista Pagani publica uma local no *Seculo*, afim de reivindicar a prioridade do emprego symbolico da mão para a notação figurada da musica, tal como o apresenta no seu novo tratado, e sob a epigraphe de *Fononimica*, o tratadista americano Angel Menchaca

Como os nossos leitores sabem, foi tambem contestada pelo professor Matta Ju-

nior a primazia da invenção do teclado uniforme, cujas vantagens o mesmo Menchaca suppunha ser o primeiro a proclamar.

Hoje mesmo, e conforme a carta que publicamos em outro local, diz da sua justiça o sr. Carlos d'Andrade, cujo systema de notação, estudado já ha annos, coincide com pequenas differenças com o que acaba de ser imaginado por Ferruccio Busoni.

Vê-se que não falta engenho e arrojo de iniciativa aos nossos homens d'arte, no sentido de trazer melhoramentos e facilidades, de manifesta vantagem na divulgação da musica. De facto, não pôde passar despercebido a todo aquelle que estiver de boa fé, que a theoria musical e sobretudo a representação graphica dos sons, tal como a usamos, não pôde satisfazer hoje as justas exigencias de um espirito medianamente culto. Tudo corre no melhor dos mundos para os que, desde creanças, se habituaram a accetar, como unicos possiveis, os dogmas consagrados. Para esses, o systema e a graphia usuas não teem discussão possivel e veem até com um pequenino *frisson* de terror que alguém pretenda bolir na sua doce rotina, com inovações que reprovam, sem se darem ao trabalho de as estudar.

Mas o certo é que, mercê da sua complicação technica, a musica está muito longe de divulgar-se, como seria para desejar, fora de uma camada especial d'intellectuaes, fora de uma por assim dizer aristocracia artistica, conservadora e intransigente, como todas as aristocracias. Para que a musica se diffunda e vulgarise na escola e na officina, como elemento d'hygiene moral e phisica, como gymnastica do sentimento e como balsamo moralizador, que a tudo isso pôde visar a nossa divina arte, é mister que o seu estudo se simplifique a ponto de não assustar as intelligencias menos requintadas.

Por isso, seguem bom trilho os nossos artistas quando se empenham n'essa cruzada de simplificação, ainda que convencidos, como certamente estão, de que só muito gradualmente e com infinita prudencia é que se pôde avançar n'esse caminho.

E não devem tambem esquecer que, com a modestia excessiva e com o retrahimento desanimado com que ás vezes encaram os proprios trabalhos, não é difficil que *os outros* lhes passem adiante. Bom é pois que se faça immediata luz, por meio da publicidade nos jornaes, ou por qualquer outra fórmula, sempre que se dê um passo no sentido apontado. E a *Arte Musical*, como unico jornal da especialidade entre nós, terá o maior prazer em pôr as suas columnas ao serviço d'essa causa.

Uma segunda carta do sr. Andrade, acompanhada de um graphico, esclarece-nos sobre alguns pontos do seu novo systema de notação.

Diz-nos o intelligente artista que o papel para a musica de piano ou de partitura terá normalmente 8 grupos de 5 linhas, sendo certo que a mór parte das vezes bastará um menor numero de pentagrammas.

Para qualquer outro instrumento, principalmente para os que tenham de emittir um som de cada vez, bastará uma pauta de 5 linhas, com a indicação numerica da oitava.

Nas partituras d'orchestra poderão usar-se as côres para distinguir os diversos nappes (madeiras, metaes, cordas, etc.) e a instrumentação de detalhe será feita por meio de indicações escriptas se o compositor não quizer levar muito longe a representação dos instrumentos pelas côres.

O systema imaginado pelo professor Andrade implica uma completa remodelação da theoria musical e muito seria dar a desejar que, em publicação mais ampla, se reunissem todos os elementos que hão de servir de base á alludida remodelação.

Na sua segunda carta, o sr. Andrade faz-nos entrever a possibilidade da publicação de um estudo mais desenvolvido, que será certamente acolhido com prazer por todos os que pela arte se interessam.

Recebemos o primeiro numero de um novo semanario, *O Theatro*, cujo redactor principal é o sr. Ruy Belmarço.

O artigo editorial e de apresentação é do sr. Eduardo de Freitas.

A' nova folha, que se nos affigura cheia d'interesse, desejamos longa e prospera vida.

As noticias, ultimamente recebidas do distincto violoncellista e director d'orchestra, David de Sousa, são de molde a encher-nos da mais legitima satisfação.

Ha uns tres mezes teve escriptura para dirigir dois concertos em Ekaterinasdar (Russia meridional). Foi consagrado o primeiro a Weber, Beethoven (5.^a symphonia), Rameau e Mendelssohn (Concerto de violino), e tão grande foi o exito obtido pelo regente portuguez, que o segundo concerto foi exclusivamente composto de peças suas.

Eis o programma integral d'esse segundo concerto: *Deux Paysages Tristes*, sobre poesias de Paul Verlaine; *Suite lyrique* (4 numeros); *Danëa*, prologo symphonico; *Rapsodia slava*.

Foi para David de Sousa uma noite de gloria, sendo ovacionado enthusasticamente á sahida do concerto, e presenteado com innumerous ramos de flôres.

No dia 18 de agosto dirigiu o sympathico artista portuguez a sua *Rapsodia slava* em Harrog, tendo sido chamado seis vezes ao estrado e muito elogiado pela critica local.

Para complemento d'esta noticia, diremos ainda que David de Sousa projecta organizar em Londres um quarteto, com um violinista francez e dois artistas inglezes, trabalhando em primeiro logar o moderno repertorio francez e mais tarde as obras celebres de todos os paizes.

D'aqui felicitamos cordealmente o nosso artista pelas suas arrojadas e bem succedidas iniciativas.

Em Mattosinhos, no theatro Constantino Nery, tem dado alguns concertos o eximio pianista Rey Colaço e a distinctissima cantora, D. Laura Wake Marques.

O exito, como se pôde suppor, tem sido extraordinario.

A notavel harpista hespanhola, Gloria Keller, que tem estado a passar o verão em Cascaes, dispõe-se, segundo nos consta, a fixar-se entre nós definitivamente e a abrir em Lisboa, no proximo inverno, um curso de Harpa.

Tem sido muito festejada no Porto a banda militar de infantaria 37, de Murcia, que ali foi dar alguns concertos.

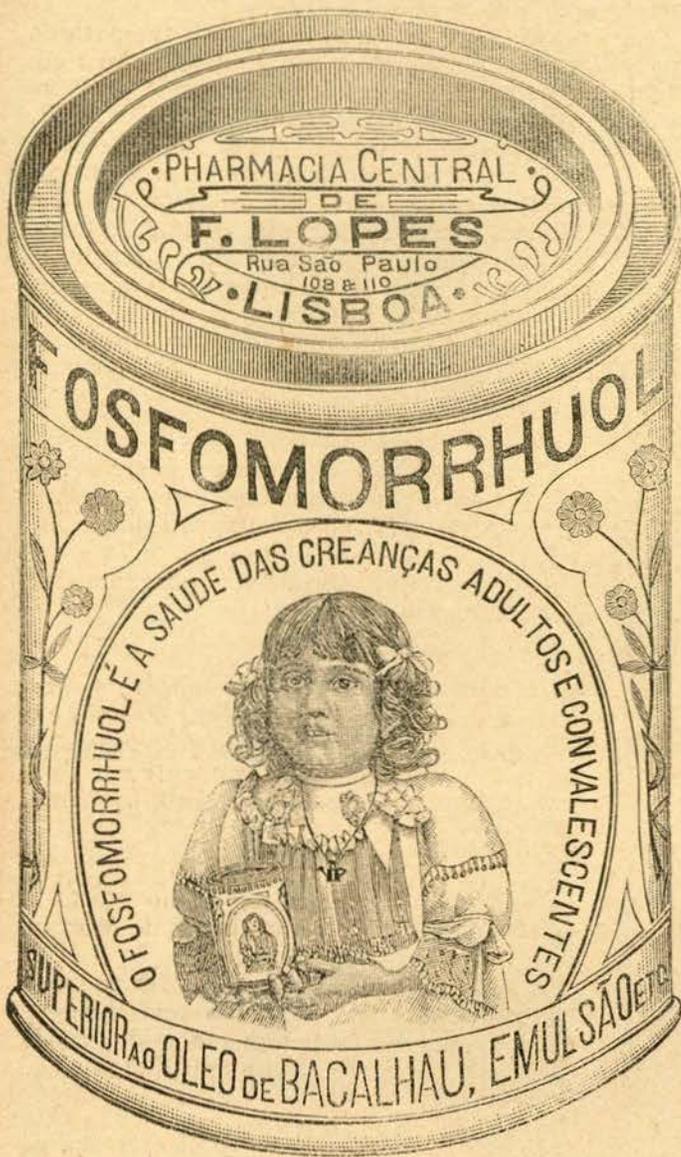
A notavel banda hespanhola fez se ouvir principalmente na Foz (Passeio Alegre), onde á tarde e á noite tem accorrido grande affluencia de gente para a applaudir.

A *R. Academia de Amadores* acaba de contractar a insigne professora, Eugenia Mantelli, para dirigir as suas classes de canto. Felicitamos o sympathico instituto musical por esta acquisição, que lhe é extremamente honrosa, e que ha-de concorrer por certo em grande escala para o seu desenvolvimento artistico.

As aulas da *Academia* abrem amanhã, 1 de outubro.

Já demasiado tarde para ser publicada n'este numero, recebemos uma interessante carta das Caldas, firmada pelo nosso querido collaborador, Alfredo Sacavem.

Aqui lhe agradecemos a gentileza da lembrança.



Lambertini

REPRESENTANTE

DOS

Editores Francezes

Edições economicas de Ricordi,
 Peters, Breitkopf, Litolf, Stein-
 gräber, etc.

Partituras

de Operas

antigas e modernas
 para piano e para canto

Leitura Musical

POR ASSIGNATURA

500 réis mensaes

(Peçam-se catalogos)

PAPEL DE MUSICA FRANCEZ

DE

Superior Qualidade

M. A. BRANCO & C.^a
Papelaria Progresso
 151, RUA DO OURO, 155
 Officinas a vapor
Rua do Crucifixo, 60 a 66
 LISBOA

Gravura Heraldica e Commercial.—Carimbo de borracha.—
 Typographia.—Lithographia.—Bilhetes de visita em todos os
 generos, facturas, circulares, menus e mais trabalhos de
 pequeno e grande formato, tanto em typographia como em
 lithographia.—Timbragem de monogrammas a cores, bronzes,
 prata e oiro

PIANOS das principaes fabricas :
 Bechstein, Pleyel,
 Gaveau, Hardt, Bord, Otto, etc.

MUSICA dos principaes editores. *
 Edições economicas.
 Aluguel de musica.

INSTRUMENTOS DIVERSOS, taes como :
 Bandolins,
 Violinos, Flautas, Ocarinas, etc.

Peçam-se os Catalogos.
 Lambertini : — Pr. dos Restauradores



BECHSTEIN

FORNECEDOR DAS CORTES DE SS. MM.
 o Imperador da Allemanha e Rei da Prussia.—
 Imperatriz da Allemanha e Rainha da Prussia.—
 Imperador da Russia.—Imperatriz Frederico.—
 Rei d'Inglaterra.— Rei de Hespanha.— Rei da Ro-
 mania.— SS. AA. RR. a Princeza Real da Suecia
 e Noruega. — Duque de Saxe Coburgo-Gotta. —
 Princeza Luiza d'Inglaterra (Marqueza de Lorne).
 BERLIN N.—5-7, Joannisstrasse.
 PARIS.—334, Rue St. Honoré.
 LONDON W.—10, Wigmore Street.

*** Lambertini ***

REPRESENTANTE —
 — e Unico depositario

DOS

CELEBRES PIANOS

DE

BECHSTEIN

PRAÇA DOS RESTAURADORES

OSCAR BRANDSTETTER
 LEIPZIG
 Grandes officinas
 de IMPRESSÃO DE MUSICA
 em todos os generos
 Typographia, Lithographia
 Autographia
 Composição mechanica
 Machinas rotativas
 Instalações especiaes
 para grandes
 tiragens

A ARTE MUSICAL

Publicação quinzenal de musica e theatros

LISBOA

Augusto d'Aquino

RUA DOS CORREEIROS, 92

Agencia Internacional de Expedições

Com serviços combinados
para a importação de generos estrangeiros

SUCCURSAL DA CASA

CARL LASSEN, ASIAHAUS

HAMBURGO, 8

AGENTES EM: — Anvers—Havre—Paris—Londres—Liverpool—New-York

Embarques para as Colonias, Brazil, Estrangeiro, etc.

Telephone n.º 986.

End. tel. CARLASSEN—LISBOA

Caressa 
&
 **Français**
Celebre
Violaria
parisiense

Violinos de superior fabrico
30\$000, 70\$000, 120\$000

Accessorios para Instrumentos d'arco
(Especialidade)

Representante
em Portugal

Lambertini


Ernesto Vieira

Diccionario biographico de mu-
sicos portuguezes, 2 vol., adorna-
dos com 33 retratos, fóra
do texto e na sua maior parte
absolutamente ineditos, broch.
4\$000 réis.

*Encadernado com capas espe-
ciaes 5\$500 réis.*

Diccionario musical, ornado de
numerosas gravuras (2.ª edi-
ção) 1\$800 réis.



Professores de musica

Adelia Heinz , professora de piano, <i>Rua das Gaivotas, 20 C, 1.º E.</i>
Alexandre Oliveira , professor de bandolim, <i>Rua da Fé, 48, 2.º</i>
Alexandre Rey Colaço , professor de piano, <i>R. N. de S. Francisco de Paula, 48.</i>
Alfredo Mantua , professor de bandolim, <i>Calçada do Forno do Tijolo, 32, 4.º</i>
Amelia Cunha , professora de piano, <i>R. Rosa Araujo, 31, 1.º</i>
Antonio Soller , professor de piano, <i>Rua Malmerendas, 32, PORTO.</i>
Arthur Trindade , professor de canto, <i>R. Barata Salgueiro, 11, 1.º</i>
Carlos A. Tavares d'Andrade , prof. de piano, <i>P. do Tijolo, 52, 4.º E. (á R. D. Pedro V).</i>
Carlos Gonçalves , professor de piano, <i>Rua do Monte Olivete, 12, C., 2.º</i>
Carolina Palhares , professora de canto, <i>C. do Marquez d'Abrantes, 10, 3.º E.</i>
Elisabeth Von Stein , professora de violoncello. <i>R. S. Sebastião das Taipas, 75, 3.º D.</i>
Ernesto Vieira , <i>Rua de Santa Martha, 232, A.</i>
Eugenia Mantelli , professora de canto e piano, <i>Rua de S. Roque, 84, 2.º</i>
Flora J. Nazareth e Silva , professora de piano, <i>R. N do Loureiro, 12, 1.º D.</i>
Francisco Bahia , professor de piano, <i>R. Luiz de Camões, 71.</i>
Francisco Benetó , professor de violino, <i>Costa do Castello, 46.</i>
Guilhermina Callado , prof. de piano e bandolim, <i>R Paschoal de Mello, 131, 2.º D.</i>
Joaquim A. Martins Junior , prof. de cornetim, <i>R. das Salgadeiras, 48, 2.º</i>
José Henrique dos Santos , prof. de violoncello, <i>T. do Moinho de Vento, 17, 2.º</i>
Lucila Moreira , professora de musica e piano, <i>Avenida da Liberdade, 212, 4.º D.</i>
M.^{me} Sanguinetti , professora de canto, <i>R. da Penha de França, 4, 3.º</i>
Manuel Gomes , professor de bandolim e guitarra, <i>Rua das Atafonas, 31, 3.º</i>
Marcos Garin , professor de piano, <i>C. da Estrella, 20, 3.º</i>
Maria Margarida Franco , professora de piano, <i>Rua Formosa, 17, 1.º</i>
Philomena Rocha , professora de piano, <i>Rua D. Carlos I, 144, 3.º</i>
Rodrigo da Fonseca , professor de piano e harpa, <i>Rua de S. Bento, 47, 2.º, E.</i>

A ARTE MUSICAL

Preço por assignatura semestral

Pagamento adiantado

Em Portugal e Colonias	1\$200 réis
No Brazil (moeda forte)	1\$800 »
Estrangeiro	Fr. 8

Preço avulso 100 réis

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Redacção e Administração

PRAÇA DOS RESTAURADORES, 43 a 49 — Lisboa